



[Clique aqui para ampliar](#)

Uma menina estranha e seu sintoma♦

Marcus André Vieira (Médico/Psiquiatra, Psicanalista – Membro da AMP-EBP, Doutor em psicanálise na Universidade de Paris VIII, Professor da PUC-RJ -Departamento de Psicologia).

Endereço: Rua Almirante Salgado, 377
Laranjeiras Rio de Janeiro CEP 22240-170

E-mail: mav@litura.com.br

Site: www.litura.com.br

Referência:

Vieira, M. A. Uma menina estranha e seu sintoma. ClinCaps: Impasses da clínica, Minas Gerais, n. 14, maio a agosto de 2011. Disponível em: http://www.clinicaps.com.br/clinicaps_revista_14_art_03.html. Acesso em [\(ao referir-se a este texto coloque aqui a data de acesso\)](#).

Resumo

Apresenta-se o livro de Temple Grandin e dele são examinadas algumas teses especificamente relacionadas à estabilização obtida pela autora com base em um uso peculiar do brete (máquina para imobilização de gado). O artigo aproxima, a seguir, este uso da teorização lacaniana do "sinthoma", com base comentário de J. A. Miller deste conceito e de suas relações com o que a cultura denomina "invenção".

Abstract

This paper presents the Temple Grandin's book and its theses are examined specifically related to the stabilization obtained by the author based on a peculiar use of the "chute" (machine for immobilization of cattle). This article draws together, then this use of the Lacanian theory of the "sinthome", based on review of J. A. Miller of this concept and its relations with what the culture calls "invention."

Keywords: Stabilization; Sinthome; Invention.

♦ Este texto é a versão editada do quinto encontro do Seminário "Invenções", realizado na Escola Brasileira de Psicanálise, seção Rio, em 26 de outubro de 2008. Agradeço a Leandro Reis pela transcrição e pesquisa inicial de referências, assim como aos participantes do seminário, em especial a Cristina Frederico por ter trazido Temple Grandin à nossa consideração.

Uma menina estranha

Temple Grandin é uma autista famosa. Sua história já deu origem a um filme, com Claire Danes como Temple e, entre nós, a uma peça de teatro, de Malu Galli, com Mariana Lima como protagonista. Nossos comentários se apoiarão, apesar disso, nos vídeos do *You Tube*, em que a vemos utilizar sua célebre “máquina do abraço” e dando entrevistas, mas sobretudo em seu livro: *Uma menina estranha: autobiografia de um autista* (Grandin, 2002).¹

É um extenso relato autobiográfico, talvez único pelo valor de testemunho que possui, pois é difícil encontrar um autista que deu certo e que ao mesmo tempo continua autista com todas suas estranhezas. Entre muitas experiências bizarras, ela tem no mais íntimo a experiência do corpo despedaçado. Para ela era impossível, por exemplo, passar pelas portas do shopping pela certeza de que ali, atravessando o blindex, era ela que ia se estilhaçar. Uma estranha identificação com um boi na situação de aprisionamento de uma máquina que impede seus movimentos antes do abate permitirá a Grandin criar uma solução que tanto a apazigua quanto lhe dá um lugar no Outro. Ela primeiro utilizará essa máquina em si mesmo, mas a seguir passa a desenvolver outras máquinas que humanizem a morte do animal, reduzindo as toxinas liberadas e tornando a carne mais e mais saborosa, o que lhe faz ganhar dinheiro e reconhecimento por sua invenção.

Assumiremos, por definição, que se trata de uma invenção no sentido corrente do termo, de montagem criadora, mas também no sentido que lhe dá J. A. Miller, de reconfiguração de si utilizando materiais subjetivos pré-existentes (Miller, 2003). Proporemos, finalmente, que a solução encontrada por ela pode ser aproximada do que Lacan, a partir de James Joyce, definiu como *sinthoma*.

O livro conta a história de uma vida e, ao mesmo tempo, da invenção que a estabilizou. Ele também busca reunir tudo que demonstre o quanto os autistas também são “gente”, apoiando-se em dados variados, clínicos, científicos, neurológicos etc. Ela usa tudo que lhe cai nas mãos para sustentar que o autista, assim como tantas minorias em nossos dias, do *down*, ao transexual e - porque não? - os sadomasoquistas e as mulheres que amam demais, não são anomalias da natureza, mas apenas “especiais”. Eles devem viver em sociedade com direito a seu quinhão de respeito, pois podem vir a pagar suas contas como os outros, merecendo fazer parte dessa galáxia de minorias que compõem nosso mundo de hoje, em que todos tem direito à sua diferença desde que se comportem direitinho.

Estamos, claro, de acordo, mas vamos pular estes desenvolvimentos. São muito tendenciosos. Nem vamos tampouco discutir a questão diagnóstica ou a validade das variadas teorias sobre o autismo. Não é preciso entrar em questões do tipo: é uma síndrome de *Asperger* ou é autismo grave? Fiquemos com a ideia geral do autismo como quadro clínico bem conhecido usualmente acompanhado de grave comprometimento social. As relações entre autismo e psicose também não serão, aqui, desenvolvidas. Não



tenho experiência nem conhecimento para isso. Nossa premissa com relação ao autismo será aquela levada a sério na comunidade denominada Campo Freudiano, a de que o autismo é um trabalho subjetivo e não apenas deterioração ou déficit.² Bastará utilizar com Temple o tipo de raciocínio clínico que empregamos com os psicóticos: o de que este trabalho passa por criar uma solução artesanal para conexão com o mundo, que chamaremos de *sinthoma*, porque a solução industrial, que definimos com Lacan como Nome do Pai, não está disponível (Miller, 1998).

Quanto à teorização do Nome do Pai como solução industrial e a do psicótico como artesanal, remeto vocês ao curso “Lições da psicose” do ano passado em que retomamos parte do enorme trabalho do Campo Freudiano neste sentido e que parte dos desenvolvimentos de J. A. Miller em seu Curso da *Orientação Lacaniana*, especialmente com relação ao que batizou “Último ensino de Lacan” (Miller, 2003b). Nele, generaliza-se a ideia de que estes trabalhos artesanais de conexão com o social são soluções *sinthomáticas* mais ou menos eficazes ou duradoras, elaboradas pelos sujeitos. Com elas estrutura-se uma vida, que deve sempre ao mesmo tempo ser única e coletiva - lugar de um gozo singular e ao mesmo tempo de propagação de uma verdade compartilhada. Nenhuma solução existe que não passe pelo paradoxo de que aquilo que mais me separa do Outro é exatamente aquilo que terei que usar para me conectar e que chamaremos de *sinthoma*.³

Autismo e “excitação nervosa”

Para definir a relação mais básica de Temple com o Outro destaco a expressão “excitação nervosa” que está presente em todo o livro. Temple é definida por aqueles com quem encontra como “estranha” desde bem cedo. Se seu prenome vindo do Outro é “estranha”, o sobrenome é “autista”. Ela aceita esta nomeação, incluindo os comportamentos que elas implicam. De fato, da grande descrição psiquiátrica do autismo ela destaca e assume os pontos principais. “Excitação nervosa”, no entanto, já é uma nomeação, a primeira talvez, de que se serve de modo particular para subjetivar o que vive, com essa expressão ela designa algo que sente desde seus primeiros momentos.

Para começar, há uma vivência de excesso denominada “excitação nervosa”. Esta vivência básica é explicada por ela como resultado de uma falha originária, uma “deficiência nos sistemas que processam a informação sensorial” (18) cuja causa ainda hoje para a ciência seria um mistério. Temple não visa, porém, corrigir esta falha, visando tratar a causa para eliminar o problema. Os neurônios só são convocados para dar localização a essa misteriosa “incapacidade de filtrar o estímulos externos que lhe parecem avassaladores” (18). Por falha nas defesas normais, os autistas viveriam com “um sistema nervoso hiperativo” (31) em grande tensão. O excesso de estímulos engendra alguém excessivo. Como ela afirma: “o leitor poderá observar como eu tinha uma reação excessiva a certos cheiros e movimentos” (18).

A seguir, os neurônios serão postos de lado, pois o importante será a descrição clínica da doença. Basta-lhe esta vaga teoria causal de uma falha neuronal como base etiológica para os traços marcantes do autismo: *crises* de agressividade intervindo em um registro de grande *isolamento*, pois “a pessoa se ausenta do ambiente que a cerca e das pessoas circundantes a fim de bloquear os estímulos externos” excessivos (18) ou “foge para o mundo interior a fim de filtrar os estímulos exteriores” (31) e finalmente a

perseveração definida por ela como “um comportamento em que a pessoa não consegue interromper uma atividade depois de começá-la, mesmo que deseje parar – que levava à loucura os adultos que me cercavam” (19).

Esta tríade compõe o quadro autista, do qual a excitação nervosa é o centro. Todo o livro e a vida de Temple é uma empreitada infatigável para compor uma articulação entre este nó de sintomas e o mundo.

O discurso da ciência é convocado para teorizar à vontade a falha fundamental que engendraria o autismo, mas ele é, no entanto, dispensado na hora de propor intervenções técnicas para corrigir o defeito. Nada de cirurgias ou drogas para erradicar a tensão nervosa ou compensar a deficiência de base. Ela será o centro de sua singularidade, que ganhará muitos nomes e que nada apagará. É bem verdade que, no caso do autismo a ciência é pobre em intervenções, mas o importante é que Temple pôde dedicar seus esforços não na correção, nem na capacitação educativa, que é a proposta universal para o tratamento do autismo hoje, mas na “adaptação”. O termo aqui ganha conotação nova, não traduz a pedagogia maciça a que são submetidos os autistas hoje, afim de fazê-los comportarem-se como todo mundo, mas o contrário. Ele assinala o que chamaríamos de conexão com o Outro, incluindo-se, nessa conexão toda a estranheza despertada pelo sujeito.

O obscurantismo pseudo-científico ambiente toma o mundo como um dado natural. Se tomamos, tal como o faz essa concepção vigente, o universo caracterizado por um funcionamento regado por leis onipresentes, uma relação excessiva com o mundo será pensada como mal-funcionamento. A relação ego-mundo é tida como harmônica em si, não é preciso imaginar, como fez Freud, um ego primordial que em sua “inefável e estúpida existência” (Lacan, 1998, p. 555) terá que estabelecer uma relação possível com um mundo para manter-se na vida. Para Freud e para Temple o mundo é um “incontrolável afluxo de estímulos”, caso não se construa a boa mediação, metaforizada por Freud como “escudo protetor” (Freud, 1920, p. 43), sofre-se mais ou menos.

Os incidentes de que me lembro contam uma história fascinante sobre como as crianças autistas percebem e reagem de forma incomum ao mundo estranho que as cerca – o mundo ao qual tentam desesperadamente impor alguma ordem (21).

Compreende-se a inversão ao final de sua introdução: não é a menina que é estranha, mas o mundo. Seu livro contará a história de como é possível ir de uma reação desesperada ao mundo a outra, mais pacífica, além de delinear o achado que permitiu essa virada. Essa história conta-se, em meu recorte, a partir de três pontos: o *rotor*, a *porta a máquina* e como quarto elo, enlace disso tudo, o *boi*.

O corpo, o rotor e o imaginário

A tendência geral é pensar que o corpo do autista, diferente do “normal” é fragmentado e por isso qualquer coisa que lhe venha abraçar lhe acalma. Nada mais superficial. Nem todo abraço serve, e nem tudo o que nos parece continente, contém. Ora, se fragmentado está e se o Outro se apresenta como mais uma invasão do que já está invadido, algo que para nós poderia ser naturalmente continente, pode muito bem ser apenas mais uma invasão. Para que uma contenção benéfica se dê, é preciso construí-la com elementos singulares, subjetivos.

Um primeiro movimento subjetivo é evidente e destacado por Temple: “Isolamento”, “fuga”, ficar “ausente”, são termos dela. Ele não é apenas um traço distintivo do quadro clínico do autismo, mas uma postura ativa utilizada por um sujeito autista para limitar a invasão do Outro. É o que Lacan dramatiza com um tapar as orelhas em uma célebre passagem (Lacan, 2003, p. 365)

A este movimento, quase natural, do sujeito, outro modo de pacificação é descrito por Temple e que nos interessará de perto. É o que chama de “Excitação compensatória”. Ela supõe um excesso ativamente buscado para se contrapor ao excesso do mundo. É a mesma idéia da festa *rave*: você está tenso? Então vamos levar sua tensão ao máximo, porque enquanto ela durar será sua e não invasiva e ainda de quebra, pode haver ao final um tempo de paz, depois da tempestade a bonança.

Girar como um pião era outra atividade que eu apreciava (...). Toda a sala girava comigo (...). Às vezes fazia o mundo girar enrolando as correntes do balanço que tínhamos no quintal de casa (...). Eu sei bem que as crianças que não são autistas também gostam de girar nos balanços. A diferença é que a criança autista fica obcecada com este ato de girar (29)

Por isso, quando um pouco mais velha ela encontra em um parque de diversões, o Rotor, é um achado:

O Rotor foi ganhando velocidade e o motor começou a soar como um zumbido gigante. O azul do céu, o branco das nuvens e o amarelo do sol misturaram-se como as cores de um pião (...). Com um estalido das ferragens, o piso foi se abrindo e eu vi o chão, lá embaixo, mas a essa altura meus sentidos estavam tão sobrecarregados de estímulos que eu não reagi mais com ansiedade e nem com medo (80).

O Rotor sintetiza este tratamento quase espontâneo que Temple encontra para se acalmar. Apesar de seus efeitos benéficos, evidentemente falta alguma coisa para que ele lhe sirva após a anestesia que proporciona. Ainda faltam-lhe fronteiras estáveis que a protejam do mundo.

Atenção, porém, faltam-lhe fronteiras por faltar-lhe unidade e não o contrário. Essa será nossa premissa: o corpo do filhote de homem não é, em si, uno, mas despedaçado. São as imagens (em um sentido bem *latu sensu*) fornecidas pela cultura, pelo outro, que lhe dão sua unidade. É a tese maior de Lacan em seu “Estádio do espelho” (Lacan, 1998, p. 96).

Não há corpo real a não ser por um abuso de linguagem. Só há pedaços de real. Há uma imagem que me veste e faz de mim um corpo e não um amontoado de sensações ou um feixe de órgãos. O corpo, como uno, é constituído através do imaginário. Ele é uma imagem de unificação. Nesse sentido, a unidade, e a consciência, é um fenômeno de superfície, o que não significa que seja falsa. Superficial no sentido de “de fora para dentro” e não de engodo.

Além disso, essa unificação não é um processo natural, em que o sujeito seria inteiramente passivo. Mesmo a estabilização imaginária da imagem de si mais imediata e simples, e que Lacan chama de “bengalas imaginárias”, já envolve um trabalho subjetivo. É, por exemplo, andar com um amigo, ir com ele a todo lugar para poder dizer “sou um porque tenho você como amigo” (Maron, *et alli*, 2011, p. 29). A unidade está nesse amigo. Esse trabalho é, no entanto, bastante dependente daquele outro, com minúscula, o semelhante, o amigo, que deve estar por perto todo o tempo. Haveria uma solução mais eficaz?

Em um primeiro tempo, de seu *Seminário 5*, Lacan considera que o garante a cola entre real e imagem é outra coisa, aquilo que chama “simbólico”. O simbólico tem vários nomes em Lacan. Durante muito tempo ele o aproxima do Outro da cultura. Depois será aproximado de uma fé cega posta no que a tradição prega como conduta e que Lacan chama de Nome do Pai. Ora, é exatamente este tipo de solução “espontânea”, a aposta nos caminhos da fé na tradição, que não acontece na psicose (Maron, *et alli*, 2011, p. 135).

Em tempos tão sem Nome do Pai como os nossos essa solução não está mais tão disponível. A questão em nossos dias é a de que se o Outro se estilhaça, no mínimo não vou poder contar com ele como contava antes. Não apenas no simbólico da tradição, mas também no imaginário das formas de unidade que a cultura pode oferecer. Em nossos dias as imagens que vem do outro começam a vir estilhaçadas também. O imaginário do Outro não é mais o reino do um. Agora, para se produzir o Um teremos de construí-lo e lutar para mantê-lo, pois a única alternativa seria agarrar-se petrificadamente a uma imagem identificadora única, como os Acoólicos Anônimos e seu mantra eternamente repetido “meu nome é... tenho... anos e sou alcoolista”. Teremos de fabricar, trançar, articular muitas coisas do Outro até conseguir montar uma roupa e fazer com que ela possa nos representar dando unidade ao que não tem. Se há alguém para mostrar que é preciso todo um trabalho de amarração entre imaginário e real fragmentado, excesso de estímulos, é o autista.

A questão é como o imaginário vindo do Outro pode passar a valer como do sujeito e é isso que não ocorre com o rotor. Ela é uma dissolução programada do corpo. Por isso só pode durar um tempo pré-determinado, limitado senão seria o fim. Girar e fazer girar, são, ambas, soluções “espontâneas” envolvem o fascínio da dissolução de si, como em um bloco de carnaval, com a diferença que, neste caso, não estão presentes rituais coletivos para determinar como e onde começar e interromper a ação.

Porta, simbólico e semblante

Como o rotor sozinho não é o bastante, Temple segue procurando algo mais que a estabilize e lhe dê um lugar no Outro. Falta-lhe alguma coisa para estar com relativa estabilidade no mundo dos homens. É preciso, ganhar alguma coisa que lhe sirva, é preciso mudar. Ora, em nossa cultura, a mudança, o ingresso em outro plano tem marcadores simbólicos específicos, entre eles o atravessamento, de um portal qualquer. Não é à toa que Temple esbarre, então, com a Porta, a seu modo. É assim que ela a encontra:

Então, um domingo, na capela, sentei-me na cadeira dobrável, aprisionada pelas regras da escola que me obrigavam a estar lá, entediada a mais não poder. Quando o ministro começou o sermão, fugi para meu mundo interior vazio de estímulos (...) De repente, uma pancada alta intrometeu-se em meu mundo interior. Assustada, ergui os olhos e vi o ministro bater no púlpito. “Abram”, disse ele, “e Ele há de responder (...) “Eu sou a porta; por mim, se algum homem entrar, estará salvo...” (João 10:7.9) (83)

A partir daí ela começa a fazer todo tipo de exploração possível com o tema das portas sem, no entanto, poder sentir na pele a ideia de atravessamento e superação, passagem para outro estado que nós temos, essa de que o pregador falava. Ela passa anos falando e pensando em portas. O que é uma porta? Para que serve? Como é?

O nome conceitual para aquilo que assegura o sentido de passagem para outro plano na teoria lacaniana é Nome do Pai. É o Pai freudiano como função, no sentido de uma crença em algo além que permanece vazio de sentido, mas que, exatamente por uma crença vazia, sustenta a certeza de que uma porta é mais que apenas uma porta (Vieira, 2006).

Fica muito claro como ela não pode contar com um simbólico ordenado ao estilo Nome do Pai, com sua obsessão pelas portas. Ela sabe que a porta é um símbolo ela fica fixada nele, mas não tem a mínima noção de como aquilo funciona. Por isso o tiro pode sair pela culatra e ela ficar ainda mais apavorada com a porta em vez de usá-la para dar existência à passagens na vida. Não é á toa que ela não consiga passar pelas portas de vidro.

Obcecada, ela decompõe, analisa, experimenta inúmeras, calcula, desmonta é realmente um sujeito a trabalho, mas que por não partilhar de uma premissa nossa, de uma fé anterior ao saber, não tem o sentimento de franqueamento que nos possui a cada passagem por uma porta.⁴

A porta que ela consegue encontrar com um mínimo deste tipo de funcionamento, é uma que realmente abre para algo diferente, diferente mesmo e não simbolicamente diferente. Na busca da porta que abre para o Reino dos Céus, sendo alguém para quem “tudo para mim era literal” (84) ela encontrará sua porta não entre uma sala e outra, ou mesmo entre uma sala e a rua, mas entre uma sala e o céu. Será para ela uma grande descoberta a do alçapão do último andar de seu prédio que abre para o telhado.

Havia uma escada apoiada no prédio e, deixando meus livros no chão, subi por ela até o quarto piso (...) e encontrei A Porta! Era uma pequena portinhola de madeira que dava para o telhado (...) fiquei vendo a lua nascer por trás das montanhas, subindo ao encontro das estrelas. Fui tomada por uma sensação de alívio. Pela primeira vez em meses sentia-me segura no presente e confiante no futuro (...) E tinha encontrado! A porta para meu céu (84).

Temos a impressão que ela está buscando as alturas, ou ainda, se dermos uma olhada rápida parece que ela está buscando uma saída. Não! *Na verdade, ela busca a própria ideia de saída.*

As outras pessoas funcionam na base do sentido. Ela não. Porta não é exatamente alguma coisa que tenha sentido em si. O imaginário da porta, os sentidos culturais do que é uma passagem, tomam o corpo e o organizam a partir da crença de que há um real nisso. Não é o caso de Temple que terá que ralar para construir, com vários elementos dispersos, algo que funcione nesse sentido.

Ela está buscando na porta, na passagem de um espaço simbólico a outro, a mágica de diferença, o gesto decisivo que faz com que uma coisa seja uma coisa e outra coisa seja outra coisa. Ela está buscando o poder de discernimento dos nomes que, para ela, são apenas nomes (Milner, J. C. 2006).

Será preciso montar, com vários pedacinhos, essa sua invenção. A matéria básica será constituída por retalhos de sentido, que Lacan chamou aparências. Devemos distinguir o que Lacan chama de imaginário do que ele chama de *semblante*.⁵ O termo pode igualmente ser traduzido por aparência e não se confunde com o que ele chamou de imaginário (Lacan, 2009 e Miller, 1992). Para Lacan, o discurso é sempre uma articulação de semblantes. O discurso é uma invenção a cultura para agenciar o real que lhe escapa.

O semblante para Lacan será um espécie de Imaginário sem unificação, imaginário-pedaço, pedaços de imagens. Então iremos contrapor o imaginário ao semblante. O semblante não tem unidade. Não haveria estabilização pelo semblante por si só. O semblante é o reino do imaginário despedaçado.

As aparências são coisas um pouco menos unas do que aquilo que nos acostumamos a chamar de formas. Para Lacan, por exemplo, um trovão é uma aparência. O exemplo maior de aparência para Lacan é um arco-íris. Não tem exatamente a idéia de forma, de corpo. É imagem, mas sem a unidade em si. São imagens que estão aí e que podem servir a dar corpo, mas que não têm, por si só, corpo. Por isso Miller fala em uma natureza dos semblantes. A natureza é cheia de semblantes. Mas eles agarram um real e por isso a definição de Lacan: um semblante é “um godê sempre pronto a receber um gozo” (Lacan, 2009, p. 114).

Quando não há imagens unas, mas imagens esparsas será preciso organizá-las em uma articulação que dê corpo. Será preciso fazer com que as aparências ordenem nosso gozo. A esse escoamento funcional do gozo pelas aparências chamaremos de invenção.

Vocês poderiam perguntar: mas e o alçapão? Já não seria, então, uma invenção? Falta alguma coisa. Para que este agenciamento de semblantes faça escoar o gozo de maneira estável e incluída no social ele precisa agenciar algumas coisas básicas, no mínimo, um si mesmo (um sujeito), uma alteridade (o Outro), a vida e a morte (como espaço de diferenças entre as gerações e entre os sexos).

Invenção, máquina e corpo

Escorados na teorização lacaniana do sinthoma e com base no curso da *Orientação lacaniana* de J. A. Miller, assim definiremos “invenção”, como uma montagem de aparências que tome o organismo, propicie um escoamento para seu gozo vital e ao mesmo tempo o conecte com o Outro da cultura (Lacan, 2007, p. 20, 26, 36 e Miller, 2003 e 2005/2006). É o que Temple só conseguirá com sua máquina.

Tudo começa com o abraço. Desde sempre existia para ela o prazer e a necessidade do abraço.

Desde a segunda série comecei a sonhar com um aparelho mágico que pudesse exercer um estímulo de pressão intensa e prazerosa sobre meu corpo todo (107).

Não precisamos comprar a explicação dela sem reflexão. O que é o corpo real, o corpo original, antes do imaginário? Ele não existe como corpo. É um feixe de sensações. Se dissermos que esse feixe sensações quer abraço estamos emprestando ao corpo despedaçado uma unidade que ele não tem. É uma questão clínica importante. Se vamos trabalhar com os psicóticos, mas também com os ditos “pós-modernos”, achando que *no fundo* eles querem abraço teremos problemas.

É o contrário. O bom abraço é o que conferirá um corpo ao autista que não o tem. Não é: o corpo do autista precisa de um abraço específico, correto. Portanto, toda questão é de saber como constituir o abraço que sirva, a montagem de semblantes que faça o efeito sonhado do abraço-unidade.

Não é tão fácil. Ela mesma sabe, pois apesar de seu sonho de abraço, os abraços de que dispõe são sempre terríveis, são “excessos táteis” (107).

Existe uma diferença muito pequena entre ensinar o prazer do toque a uma criança autista e instilar-lhe um verdadeiro pânico, por medo de ser engolfada” (107) (...). Foi só quando já tinha chegado quase aos trinta anos que consegui trocar apertos de mão com as pessoas ou olhá-las nos olhos (38).

Temple está lidando com sua dissolução o tempo todo. Dada a intensidade do que vive, tudo para ela é questão de vida e morte.

Ela já tinha a pacificação anestésica do Rotor, a ideia de travessia da Porta, desconectada, e a unidade do abraço, mas falta alguma coisa para que estes semblantes possam ser agenciados em uma montagem que dê escoamento à vida e à morte do corpo e ao mesmo tempo o nomeie, lhe dê um lugar no Outro. É isso o que estamos chamando de uma invenção, que Lacan às vezes chama da *sinthoma* (Lacan, 2007, op. cit.).

O agenciamento de semblantes que constitui a invenção produz-se freqüentemente com um semblante central por eleição. A *Squeeze machine (Maquina do Amasso)*. Não é apenas uma máquina de abraço controlado, isso Temple já poderia ter construído. Ela é a máquina de abraço do boi. É o boi que fará toda diferença. É ele, em seus momentos antes da morte que constituirá o semblante central da invenção.

Ela passa uma temporada em uma fazenda. Está ajudando em várias coisas e vai ajudar no trabalho com os bois e com o “brete”.⁶ Como se sabe que o animal estressado libera toxinas que prejudicam o sabor da carne, alguns bretes são os mais agradáveis possíveis. Em vez de uma prisão de ripas de madeira, placas acolchoadas que o apertam quase ao modo de um abraço. Era algo assim que Temple encontrou nessa fazenda.

Ela narra este encontro com o boi no brete da seguinte maneira:

Fiquei observando enquanto bezerros nervosos e de olhos arregalados um a um eram conduzidos em direção ao brete poucos minutos depois que os painéis laterais pressionavam seus flancos, aqueles mesmo animais de olhos esbulhados se acalmavam. Por quê? Será que a pressão suave dava conforto e alívio para os nervos super-estimulados do bezerro? E se fosse assim será que uma pressão igualmente suave também não poderia me ajudar? (93).

Ela fica, então, fixada no brete. O primeiro passo é experimentar nela e ela gosta. Depois é construir uma máquina de abraço, mais adaptada para os humanos e aplicá-la aos autistas em geral.

O boi

A princípio é só uma fixação como tantas outras que teve durante a vida. Mas com o boi, o brete concentra várias coisas: o relaxamento da tensão, sim, mas também a morte e a vida, a ideia de uma pacificação que é também passagem para um plano melhor, em que reencontramos o tema da porta. Ela o diz explicitamente “O brete é também um porta” (107) e não é à toa que ela passa a chamar o brete de “escadaria para o céu” (128).

Ela agora tem um projeto. Construir bretes melhores e mais adaptados para que o boi não sofra:

Não era apenas uma fantasia de minha mente estranha. Era verdade. Pela primeira vez em minha vida senti que havia finalidade em estudar (...) uma razão verdadeira. Por que a pressão de imobilização do brete de imobilização conseguia acalmar reses assustadas e acalmar meus nervos? (96)

Como diz uma amiga “a escadaria para o céu é dedicada aos que desejam aprender o sentido da vida e não temer a morte” (96).

Ela realmente se acalma no brete, mas ele não é apenas um abraço, ele conjuga igualmente os bois e sua identificação com eles, assim como o futuro da morte e da eternidade.

Dessa forma, temos uma montagem que figa um real essencial. A topologia dessa figada é importante. Quero propor que ela não é um agenciamento em torno do real, como no paradigma do vaso do oleiro do *Seminário 7*, definido por Lacan como “em torno do vazio” (Regnault, 2001), mas sim ao modo da trança, do nó borromeano tal como desenvolvido no *Seminário 23* (Vieira, M. A. 2007). Aqui se situa uma possível aproximação entre o que Miller denomina “invenção” e Lacan “sinthoma”. Ambos são articulações entre elementos díspares que sustentam um lugar relativamente estável para o sujeito no laço social sem recorrer a alguma falta originária, que é a assinatura da submissão à tradição encarnada pelo pai naquilo que Freud descreveu como Édipo.

O que é o sujeito senão um furo? No mais íntimo de nós mesmos brilha uma ausência, um furo em meio a tudo aquilo que nos constitui e representa. Este vazio longe de ser a marca da nossa impotência de saber é a falta que põe tudo em movimento e que Lacan chamou desejo. Pois bem, em vez de abrir-se a eu desejo como o neurótico, Temple Grandin o engendra. Em vez de aceitar o furo que sempre ter estado ali ela precisa criá-lo. Seus grandes esforços com o alçapão o demonstram. Eles foram bem melhor sucedidos com o brete. Possivelmente por este último colocar em cena o furo dos furos, a morte.

Nem mesmo a morte ocupa para ela a função do furo. Poderíamos imaginar que pelo menos em algum momento ela fosse se indignar com a matança que ela mesmo promove. Não. Para ela a morte apenas é, enquanto que, para nós, ela tem de ter algum sentido, por isso nos rebelamos contra ela. Nós adiamos a morte e nos revoltamos quando ela chega. Em momento nenhum ela fala “É um absurdo matar esses bichos”. Ela mesma mata vários. A morte não é uma questão, é um fato. Com sua invenção ela dá um lugar a morte como furo, pois seu brete é também para ela uma “escadaria para o céu”.⁷

Temple Grandin talvez nos ensine pouco sobre como o autismo como patologia do desenvolvimento, pouco sobre superação, carinho, amor no sentido habitual do termo. Se tirarmos desses termos no relato as projeções que sempre fazemos, descobrimos como ela nos ensina sobre a arte magnífica e insensata de construir para si mesmo um lugar no mundo ao remodelar ao mesmo tempo o mundo, em vez de espaço compacto de alteridade unicamente exterior, ao menos um furo, ponto cego de passagem entre o eu e o Outro. Ela o faz sem pai, sem profundidade, apenas com uma montagem de semblantes, nada mais e nada menos. Nele ela consegue destacar um, o boi e seus olhos esbugalhados e consegue um pouco do céu no mundo, levando Grandin a ter seu nome inscrito no Outro de modo bem distinto do da multidão anônima a engrossar as fileiras dos asilos da cidade.

Referências

Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro, Imago, 1976. (1920) Além do princípio do prazer, Vol. XVII.
Grandin, Temple; Scariano, Margaret M. *Uma Menina estranha: autobiografia de uma autista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- Lacan, J. *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998.
 “O estádio do espelho como formador da função do eu”, pp. 96-103.
O Seminário livro 23, Rio de Janeiro, JZE, 2007.
 “Alocução sobre as psicoses da criança”, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003.
- Laia, S.- *Os escritos fora de si, op. cit.*, p. 60
- Miller, J. A. “A invenção psicótica” *Opção lacaniana*, vol. 36, São Paulo, EBP, 2003, 6-16.
 “O último ensino de Lacan” *Opção lacaniana*, vol. 37, São Paulo, 2003b.
 “Esquizofrenia y paranoia”, *Psicosis y Psicoanálisis*, Buenos Aires, Manantial, 1985;
 “Clínica irônica”, *Matemas*, JZE, 1996, pp. 190-200,
 “Ironia e invenção”, *Arquivos da biblioteca n. 7*. Rio de Janeiro, EBP-Rio, 2009.
 (1991-92) A natureza dos semblantes. Seminário inédito.
 (1996-97) “O Outro que não existe e seus comitês de ética” lição de 18/12/96.
La conversation d’Archachon, Paris, Seuil, 1998.
- Maleval, J. C. *L’autiste et ses voix*, Paris, Seuil, 2009.
- Mandil, R.- *Os efeitos da letra, op. cit.*, p. 217.
- Maron, G., Vieira, M. A. Minoz, N. Borsoi, P. *Caminhos de Estabilização na psicose*, Rio de Janeiro, ICP – Andamento, 2011.
- Milner, J. C. “Os nomes indistintos”. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.
- Regnault, F. *Em torno do vazio*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2001.
- Ribeiro, J. e Monteiro, K. (orgs.) *Autismo e psicose na criança*, Rio de Janeiro, 7letras, 2004.
- Vieira, M. A. “Retrato falado de um Totem sem Tabu (ou a hipermodernidade sertaneja)”, *Latusa*, Rio de Janeiro, EBP-Rio, v. 11, p. 12-14, 2006.
 “Aparências”, *Latusa*, v. 1, Rio de Janeiro, EBP-Rio, p. 19-30, 2008.
 “No banquinho de Joyce”, *Latusa*, n. 12, Rio de Janeiro, EBP, novembro 2007, pp. 161-186.

¹ Todas as referências a este livro ao longo do texto são seguidas do número de página entre parênteses.

² Remeto vocês a duas referências, uma próxima: Ribeiro e Monteiro (orgs.) 2004, que destaca, com base em casos clínicos, o trabalho do autista; e outra mais geral, Maleval, 2009, que reúne e sintetiza o que de melhor se produziu na orientação lacaniana em termos conceituais.

³ Cf. Vieira, 2004 e 2009. É o que define todo o trabalho de uma comunidade analítica que tem como apogeu a *Conversação de Archachon* (Cf. Miller, J. A. “Esquizofrenia y paranoia”, *Psicosis y Psicoanálisis*, Buenos Aires, Manantial, 1985; “Clínica irônica”, *Matemas*, JZE, 1996, pp. 190-200, *La conversation d’Archachon*, Paris, Seuil, 1998. Miller, J. A. “O Outro que não existe e seus comitês de ética” lição de 18/12/96. Retomam-se ali textos anteriores de Miller que invertem o vetor de leitura dos fenômenos clínicos da psicose. Em vez de partir-se da normalidade edípica, o que situaria a psicose como falha em seu processo de constituição, supõe-se o caótico não-todo como grau zero a partir do qual será preciso constituir um Todo que dê corpo e institua sujeito e Outro em campos distintos - o que poderá fazer-se tanto pelo Édipo quanto por outras vias, o delírio, a escrita, etc. (Cf. por exemplo a seguinte afirmação ‘A esquizofrenia atesta um estado nativo do sujeito’ (MILLER, J. A. *op. cit.*, 1985, p. 28).”

⁴ Cf. situação análoga com o beijo de boa noite entre Joyce e a mãe, em Mandil, Laia, S. e ainda Vieira, M. A. 2007, pp. 161-186.

⁵ O Termo em francês é *semblant* que significa “aparência”. Há a expressão *faire-semblant* que quer dizer fazer de conta, fingir e, por último, também se usa num terceiro sentido que designa rosto, única acepção do termo “semblante”, em português (cf. Vieira, M. A., 2008).

⁶ Um comentário sobre o termo: . Ele é a tradução de *snare*, que designa armadilha e que quase só é utilizado no mundo rural, tanto no inglês quanto no português. No modo mais simples é um curral que vai se estreitando e se tornando um corredor de cercas que faz o animal ficar preso. Neste momento é possível administrar medicamentos, efetuar pequenas cirurgias e, sobretudo, matar. O brete é utilizado especialmente no abate.

⁷ A morte é ao mesmo tempo desaparecer e tornar-se imortal. Passo para posteridade, mas desapareço. Esse é o problema do neurótico, como o obsessivo que se recusa a qualquer identificação paterna, tida como mortificante. É o que Freud dramatiza com a os gametas, em Além Princípio do Prazer e que passa longe das questões de Grandin (cf. Freud, Sigmund. (1920).



Artigos

[Arquivo em PDF do artigo](#)

Uma menina estranha e seu sintoma
A strange girl and her symptom

Marcus André Vieira

Médico/Psiquiatra, Psicanalista – Membro da AMP-EBP,
Doutor em psicanálise na Universidade de Paris VIII,
Professor da PUC-RJ – departamento de psicologia,
E-mail: mav@litura.com.br
Site: www.litura.com.br

Resumo:

Apresenta-se o livro de Temple Grandin e dele são examinadas algumas teses especificamente relacionadas à estabilização obtida pela autora com base em um uso peculiar do brete (máquina para imobilização de gado). O artigo aproxima, a seguir, este uso da teorização lacaniana do "sinthoma", com base comentário de J. A. Miller deste conceito e de suas relações com o que a cultura denomina "invenção".

Palavras-chave: Estabilização; Sinthoma; Invenção.

Abstract:

It presents the book by Temple Grandin and his theses are examined specifically related to the stabilization obtained by the author based on a peculiar use of the chute (machine for immobilization of cattle). This article draws together, then this use of the Lacanian theory of the "sinthome", based on review of J. A. Miller of this concept and its relations with what the culture calls "invention."

Keywords: Stabilization; Sinthome; Invention.

Uma menina estranha¹

Temple Grandin é uma autista famosa. Sua história já deu origem a um filme, com Claire Danes como Temple e, entre nós, a uma peça de teatro, de Malu Galli, com Mariana Lima como protagonista. Nossos comentários se aporáram, apesar disso, nos vídeos do YouTube, em que a vemos utilizar sua célebre "máquina do abraço" e dando entrevistas, mas, sobretudo em seu livro: Uma menina estranha: autobiografia de um autista (Grandin, 2002).²

É um extenso relato autobiográfico, talvez único pelo valor de testemunho que possui, pois é difícil encontrar um autista que deu certo e que ao mesmo tempo continua autista com todas suas estranhezas. Entre muitas experiências bizarras, ela tem no mais íntimo a experiência do corpo despedaçado. Para ela era impossível, por exemplo, passar pelas portas do shopping pela certeza de que ali, atravessando o blindex, era ela que ia se estilhar. Uma